

Por que precisaremos de nossa própria lista eleitoral, eventualmente

Via [The Call](#)

O “Knickerbocker Base Ball Club” entrou em campo em 24 de abril de 1849 com uma reviravolta. Seus jogadores – pela primeira vez na história do beisebol – todos usavam a mesma roupa: calças longas azuis, uma camisa de flanela branca, um cinto de couro e um chapéu de palha para completá-lo. Foi assim que nasceu o uniforme de beisebol. Outras equipes rapidamente seguiram o exemplo.

Hoje seria difícil imaginar assistir ao beisebol sem uniformes. O mesmo poderia ser dito para a maioria dos outros esportes. Os uniformes organizam jogos para nós. Claro, alguns torcedores fanáticos conhecem todos os números dos jogadores, estilo de jogo e rostos de cor. Eles seguiriam o jogo de qualquer maneira. Mas a maioria das pessoas precisa dos uniformes para nos ajudar a saber de quem está do lado de quem e para descobrir o que está acontecendo.

Por que os socialistas deveriam se preocupar com os Knickerbockers? De certa forma, enfrentamos um desafio semelhante ao que as equipes que jogaram pela primeira vez contra os Knickerbockers recém-uniformizados enfrentaram. Estamos entrando numa competição na qual as outras equipes têm seus uniformes (suas identidades partidárias) e estamos presos a lutar para nos identificarmos como uma força independente.

Alguns socialistas não acham que isso seja um problema. Em um artigo publicado no *The Organizer*, Brad C. defende que os socialistas não precisam de sua própria lista eleitoral. Segundo Brad, “as listas eleitorais são simbólicas, e a rejeição dos Democratas não é nada mais que um estado de

espírito". (Brad faz muitos pontos no artigo, mas vou focar neste aqui).

Brad, claro, está certo no primeiro ponto: as linhas de cédula são símbolos. Mas será que Brad tem razão ao insinuar que, por serem simbólicos, os socialistas não precisam se preocupar com eles? Eu acho que não.

Organizando o conflito

A política é fundamentalmente sobre conflitos, e os socialistas sabem disso melhor do que ninguém. Em qualquer conflito – seja ele uma discussão entre amigos, uma guerra, ou um jogo esportivo – alguma estrutura se desenvolve naturalmente. Amigos do mesmo lado em uma discussão podem se aproximar e enfrentar sua oposição. Os exércitos se posicionam em lados opostos do campo de batalha. As equipes se amontoam no início de uma jogada.

Mas alguns conflitos exigem mais estrutura do que outros.

Em uma luta entre amigos, seria ridículo usar a mesma roupa para mostrar quem estava do lado de quem.

Em uma batalha, porém, os exércitos adotaram uniformes, marcharam sob bandeiras diferentes e usaram equipamentos diferentes para ajudar seus soldados a distinguir um lado do outro.

Como em uma batalha, em um jogo esportivo os uniformes são usados para ajudar os jogadores a identificar quem está do seu lado. Esses uniformes também servem a um segundo propósito: eles organizam o jogo para o público.

O conflito político, como os dois últimos exemplos, também é organizado através de símbolos. Como em uma batalha, os símbolos ajudam os candidatos a identificar o amigo do inimigo. Como em um jogo esportivo, os símbolos também organizam o concurso para a platéia que assiste à luta.

Mas, ao contrário desses outros exemplos, os símbolos são criticamente importantes na política por uma terceira razão. (Especialmente se você for um socialista!) Isso porque a política não é apenas sobre os combatentes ativamente engajados no início da luta. É também sobre o que a multidão que assiste à luta fará. Será que eles participarão ativamente? Ou se sentarão à margem?

O famoso cientista político E.E. Schattschneider colocou dessa forma no *The Semisovereign People*: “se começa uma luta, observe a multidão, porque a multidão desempenha o papel decisivo”. Schattschneider fez uma observação mais simples, mas convincente. Em qualquer conflito político, o lado mais forte provavelmente quer manter a multidão fora e o lado mais fraco quer trazê-la para dentro. Isso porque o lado mais forte preferiria manter a vantagem com que começa a luta. O lado mais fraco, por sua vez, preferiria apostar que a multidão se unisse a ele e derrubasse a balança. “Conflitos”, Schattschneider então argumentou, “são frequentemente vencidos ou perdidos pelo sucesso que os competidores têm em envolver o público na luta ou em excluí-la”.

Este é claramente o caso do movimento socialista. O sucesso ou o fracasso de nosso projeto depende de nossa capacidade de trazer mais dezenas de milhões de pessoas para o processo político – para transformar o “público” em participantes. Precisamos envolvê-los “na luta” (para torná-los combatentes ativos), precisamos facilitar para eles a identificação de quem é quem naquele conflito (para ser consciente da classe), e precisamos de todas as ferramentas à nossa disposição para fazer isso acontecer.

Criando nossa própria identidade

Um passo importante na ativação dessas dezenas de milhões é tornar claras as linhas de conflito. Para isso, confiamos em símbolos para nos distinguirmos. Sem eles, lutaríamos para que todos os outros nos reconhecessem.

É claro que existem muitos símbolos que podemos usar para nos apresentarmos. Nós temos a rosa. A cor vermelha. A versão “s” em minúsculas de “socialista”.

Precisamos realmente de uma lista eleitoral também? Por enquanto, a resposta parece ser: não. Nas eleições que estamos disputando, somos capazes de ganhar muitas primárias sem uma lista. Como tática para nos estabelecermos, concorrer nas primárias democratas da maneira como o fizemos tem sido evidentemente eficaz.

Mas há motivos para se preocupar que, à medida que competimos em mais e mais distritos, a eficácia desta tática pode diminuir. Até agora, temos nos saído muito bem em distritos com uma base millennial pequena, mas apaixonada, altamente instruída e com mobilidade decrescente (especialmente em Nova York, por exemplo, e em algumas outras grandes áreas urbanas). Estes eleitores prestam intensa atenção à política. Eles são muito parecidos com os fãs que conhecem de cor os jogadores de uma equipe e não precisam de uniformes para ajudá-los a descobrir quem é quem. Além disso, disputamos apenas algumas eleições, o que nos permite concentrar nosso limitado poder de seleção em um pequeno número de distritos e dominar a oposição. E as corridas em que concorreremos tendem a ter uma participação extremamente baixa (AOC precisou de apenas 17.000 votos para representar 700.000 eleitores, por exemplo). Isso permite que nossa base principal apareça e nos dê uma dica sobre as eleições.

Mas nem sempre será este o caso. No futuro, se fizermos nosso trabalho direito, vamos querer disputar distritos onde nossa base central millennial extremamente engajada não esteja super-representada. E queremos ser capazes de ganhar eleições após as eleições sem despejar o mesmo nível de recursos em cada distrito.

Para isso, será necessário desenvolver uma identidade na imaginação dos eleitores. Uma identidade que seja distinta dos

liberais financiados pelas empresas, bem como dos conservadores. Queremos que nossos eleitores se identifiquem como uma classe e como socialistas. Queremos que eles vão às urnas com uma ideia simples em mente: “Sou um socialista, sempre voto nos candidatos socialistas”. Uma linha de cédula distinta tornará isso muito mais fácil.

Tudo isso é duplamente importante devido a uma característica especial das eleições americanas: o “voto longo”. Em outros países, na época das eleições, os eleitores são frequentemente solicitados a votar em um único candidato. Com ou sem uma etiqueta partidária, é comparativamente fácil lembrar qual candidato você prefere.

Não é assim nos Estados Unidos. Aqui é pedido a alguém que vote em mais de uma dúzia de disputas (é o que torna a cédula “longa”). Quando os rótulos do partido estão ausentes, como nas eleições não partidárias e nas primárias do partido, as escolhas podem ser esmagadoras. Muitos eleitores prestam pouca atenção às campanhas primárias e escolhem os candidatos ao acaso – se eles aparecerem para votar.

Este é precisamente o problema que as listas eleitorais ajudam a resolver. Ao listar os candidatos de acordo com seu partido, os eleitores recebem uma indicação crítica para deixá-los escolher os candidatos que se alinham com seus próprios pontos de vista. Eles o fazem com base no entendimento do partido com o qual estão mais alinhados, um entendimento que eles desenvolvem ao longo de suas vidas. Isto pode parecer simples, mas quem pode censurá-los? Após uma longa semana de trabalho, poucos americanos têm tempo para se tornarem especialistas sobre quem é exatamente quem em qualquer concurso. A lista de votação do partido ajuda a organizar o conflito para os eleitores. (Queremos mudar a quantidade de interesse que as pessoas têm na política, é claro. Mas é um longo e difícil trabalho para fazê-lo – e há limites objetivos para a quantidade de tempo que a maioria das pessoas vai gastar aprendendo sobre política socialista).

A verdade é que não somos os únicos preocupados com a lista eleitoral. Justamente por causa de sua importância, administrar a imagem do Partido Democrata é uma preocupação central dos líderes partidários. Eles se preocupam constantemente que o partido esteja sendo associado ao “socialismo” e exigências como “desfinanciar a polícia”. Eles fazem isso não porque estão delirando, ou atingidos por seu próprio “humor” estranho, como Brad C. poderia dizer, mas porque sabem o quão importante é sua identidade partidária. Com milhares de listas nas urnas em qualquer dia de eleição, estes líderes partidários sabem que os eleitores votarão principalmente para “Democratas” e “Republicanos” sem um forte senso de quem é cada candidato. Nós, como socialistas, deveríamos estar pelo menos tão preocupados em construir nossa identidade no eleitorado quanto esses líderes estão.

Os líderes partidários não são os únicos que sabem que esta é a maneira como a luta é ganha. Cientistas políticos demonstraram o poderoso efeito do “coattail” na maioria das eleições. Independentemente de onde um candidato cai em disputas intrapartidárias, quando o presidente de um partido se sai bem, todos os candidatos desse partido se beneficiam. Quando o presidente de um partido se sai mal, todos os candidatos sofrem. Nós, como socialistas, queremos realmente ser punidos pelas inevitáveis e graves deficiências dos futuros presidentes democratas?

Nada disso deve ser muito surpreendente também para os membros do DSA. Conhecemos o poder do rótulo do partido melhor do que ninguém, talvez. Em nossas campanhas, nós usamos “Democrata para...” com destaque em cartazes e publicações para nossos candidatos – precisamente porque sabemos como esse símbolo é poderoso para os eleitores que desprezam os republicanos. Quando batemos às portas, a primeira pergunta de muitos eleitores é: “eles são democratas?”.

A esmagadora maioria dos eleitores, quer queiramos quer não, pensa desta forma. Eles pensam na política em termos de

democratas e republicanos porque são essas as escolhas que lhes são apresentadas nas urnas.

E mais uma vez, podemos culpá-los? Afinal, o quanto nós mesmos sabemos sobre o equilíbrio do poder político em Washington, D.C., além do que nos dizem os rótulos partidários? A maioria de nós poderia dizer com confiança que os democratas têm uma maioria magra na Câmara e que o Senado está dividido em 50-50 entre os dois partidos. Mas dentro do Partido Democrata, qual é o equilíbrio de poder entre os progressistas e os democratas corporativos? Quão próximo estão os progressistas de ter uma maioria no partido? E quem realmente conta como progressista? A ausência de identidades políticas claras no seio do Partido Democrata torna extremamente difícil obter esta informação.

Olhando para o futuro

Se nós, como socialistas, queremos ser vistos como uma escolha distinta dos republicanos e democratas corporativos aos olhos da maioria dos eleitores, vamos precisar ser capazes de nos apresentar eventualmente nos termos que os eleitores entendem e que tornam essas escolhas óbvias. Isso significará ter uma lista de votação distinta das corporações liberais.

Naturalmente, isso pode significar que nós, como socialistas, assumimos a linha democrata e os democratas corporativos desistem de formar seu próprio partido distinto. Ou pode significar que seremos nós que partiremos. Esse debate é para outra época. Mas, de qualquer forma, em algum momento, precisaremos da distinção clara entre nós e eles que as linhas de votação proporcionam.

Em 1882, as regras da Liga Nacional para os jogos de beisebol daquele ano exigiam uma mudança. O antigo sistema de uniformes estava fora. Agora os jogadores, independentemente da equipe em que estavam, deveriam vestir uma roupa correspondente à sua posição. Os primeiros jogadores de ambas as equipes usavam camisas listradas escarlate e brancas e um boné. Os shorttops

vestiam todos castanhos. As equipes só podiam se distinguir pela cor de suas meias.

Os torcedores odiavam isso. Eles chamavam estes “trajes de palhaço”. E não é de se admirar. Quem quer tentar seguir um jogo como esse?

O sistema bipartidário nos Estados Unidos nos obriga, como socialistas, a vestir fantasias de palhaço próprias, por enquanto. Estamos presos a disputar eleições sob a mesma identidade partidária que nossos inimigos. Dado o sistema bipartidário em que trabalhamos, não há como contorná-lo por enquanto. Mas não devemos fazer uma virtude de uma necessidade temporária. Devemos reconhecê-la como a limitação que ela é. E precisamos manter nossos olhos no objetivo de construir um partido – e criar as condições necessárias para fazê-lo – que é distinto de fato, bem como na forma, de nossos oponentes.